TEILHARD EM PORTUGAL Hoje

Boletim da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

ABRIL, MAIO, JUNHO 2008 ANO II Nº 6

SUMÁRIO:

✓ EFEMÉRIDE
Teilhard em Hastings

✓ EU CONHECI
Teilhard de Chardin
Max H. Begouën

✓ «ESTÉTICA e OPTIMISMO, Einstein e Teilhard»
Antoine Marot

✓ NOVOS LIVROS
Teilhard de Chardin: "Lettres à Édouard Le Roy (1921-1946)
– *Maturation d'une pensée* »
Introdução de:
François Euvé s.j.

✓ Escrevendo sobre TEILHARD
"A acção de Deus num contexto evolutivo"
Carlos Molari

✓ ORANDO com Teilhard
«Quando a vossa presença, Senhor»

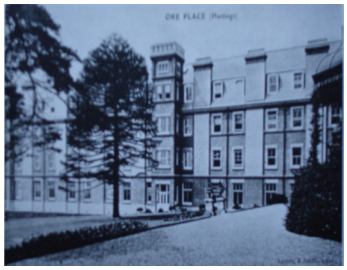
✓ LA PENSÉE de Teilhard

Ω

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal
R. Vila Catió, 397 – 6.º esq.
1800-348 LISBOA
teilhard.portugal@sapo.pt
www.teilhard-world.com

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos

EFEMÉRIDE
100 anos da chegada de Teilhard de Chardin a Hastings


Ore Place - Hastings

"Em Setembro de 1908, Teilhard chega a Hastings, na costa sudoeste de Inglaterra, para iniciar a sua estadia de quatro anos em Ore Place, a fim de receber a formação jesuíta em teologia – um período designado por teologado."
É assim que abre o artigo *"Teilhard at Ore Place, Hastings"*, do Dr. David Grummet, professor de teologia na Universidade de Exeter, Reino Unido, que foi publicado na íntegra e em língua inglesa na revista *"Teilhard Hoje na Europa"*, edição portuguesa de Abril 2008, pela AAPTCP, membro do CET – Centro Europeu Teilhard de Chardin.
Nesse mesmo texto, é-nos explicado porque é que Teilhard de Chardin, sendo francês, teve, como muitos outros seminaristas jesuítas, de fazer parte da sua formação fora de França. Tudo remonta a 1880, um ano antes do nascimento de Teilhard, quando o governo francês da altura, pelo braço do seu ministro da Educação Jules Ferry, decretou a laicização do ensino e proibiu a Companhia de Jesus de o exercer no país. Isto levou a Companhia a mudar os seus vários centros de formação para países vizinhos, especialmente para Inglaterra, dada a proximidade territorial. Quando Teilhard entra em 1899 na Companhia para o noviciado, fá-lo, porém, em Aix-en-Provence. Isto ficou a dever-se a um certo abrandamento do rigor na aplicação daquela legislação, mas, logo em 1901, verificou-se um endurecimento e, em 1904, o primeiro-ministro Émile Combes decide aplicar as novas leis à letra e decreta a confiscação dos bens das ordens religiosas. Os Jesuítas, entretanto, prevendo estes extremos, tinham já regressado às suas anteriores instalações em Inglaterra.
Teilhard, que tinha ingressado em 1900 em Laval para terminar o noviciado e fazer o juvenato, ali pronunciou os seus primeiros votos em 1901, mas já em Outubro desse mesmo ano teve de se transferir para a ilha de Jersey, a fim de acabar o juvenato. Nesta mesma ilha faz, de 1902 a 1905, os três anos de filosofia. De 1905 a 1908, Teilhard ensina Físico-Químicas num colégio jesuíta do Cairo, como parte da sua formação na Companhia, e é assim que, em Setembro de 1908, chega a Hastings para realizar o teologado, ali permanecendo, portanto, até 1912 (cf. Claude Cuénot, "T. Chardin", Écrivains de Toujours, Seuil, 1963, pág. 9). Entretanto, a 26 de Março de 1911, é ordenado presbítero, acto a que assistiram os seus pais e irmãos, vindos expressamente de França.
David Grummet aponta-nos o ambiente especial que se vivia, então, em Ore Place, mestres e discípulos convivendo em clima de intensa actividade intelectual dum elevadíssimo nível. Entre os colegas de Teilhard dessa época contam-se os padres Pierre Rousselot, Pierre Charles, Auguste Valensin. O futuro cardeal Henry de Lubac, mais tarde grande amigo de Teilhard e ele próprio aluno em Ore Place na década seguinte, deixou-nos dessa vivência este saboroso testemunho: *"Ali estávamos realmente como que fora do mundo, por momentos longe de quaisquer responsabilidades do apostolado; sós em grupo, como se estivéssemos num grande barco navegando sem rádio no meio do oceano. Mas que vida intensa dentro daquele barco e que viagem maravilhosa!"* Grummet recorda-nos que foi durante a sua estadia em Ore Place que Teilhard começou a ganhar uma noção espiritual da evolução, *"uma Corrente profunda, ontológica, total, abraçando todo o Universo em que me movia"*, segundo as palavras do próprio Teilhard, anos depois. Em "Le Cœur de la Matière", sua autobiografia escrita em 1950, viria ele a escrever, recordando os seus tempos de Hastings: *"… l'extraordinaire densité et intensité prises pour moi vers cette époque, par les paysages d'Angleterre – au coucher du soleil surtout – quand les forêts du Sussex se chargeaient, eût-on dit, de toute la vie «fossile» que je poursuivais alors, de falaises en carrières, dans les argiles wealdiennes."*
Também o sentido cristológico do pensamento religioso de Teilhard despontou no ambiente de Hastings, onde os estudos bíblicos franceses desenvolveram novas formas de abordagem da cristologia pauliniana. Quase no final do seu artigo, D. Grummet cita René d'Ouince, amigo e superior de Teilhard, quando nos fala dele: *"Por mais decisivo que o choque da Grande Guerra possa ter sido para o pensamento de Teilhard, houve uma intensa actividade intelectual que o precedeu. Quero mesmo crer que a maioria das ideias teológicas de Teilhard ganhou corpo durante o escolasticado [em Ore Place], naquelas conversas entre iguais, onde os jovens intelectuais comunicavam livremente o resultado das suas reflexões pessoais"*.
Muito justamente, a *British Teilhard Society* assinalou este centenário com um evento em Abril passado, realizando na vizinha cidade de Hastings, Aylesford, Kent, uma série de conferências, em que o Dr. David Grummet foi também orador, com visita ao local onde existiu a casa de Ore Place, presentemente já desaparecida, e missa celebrada em Hastings, na igreja de Santa Maria Stella Maris onde Teilhard foi ordenado presbítero.

EU CONHECI
Teilhard de Chardin

Max H. Begouën

Extraído e traduzido de
«Cahiers Pierre Teilhard de Chardin», Seuil, nº 2, 1960

Travei conhecimento com o Padre Teilhard de Chardin no início do verão de 1915. Foi no quadro mais prosaico que se deu o encontro entre o cabo de infantaria, que eu era, com o cabo de zuavos atiradores marroquinos, que ele era. Estava eu a lavar a minha roupa de soldado no charco da quinta de Killem, onde estávamos acampados, perto da fronteira belga, quando a figura alta e esguia de um cabo avançou para mim:

- Max Begouën?

- Sou eu.

- Teilhard, apresentou-se o soldado.

Tive um sobressalto: - é pois o senhor o homem do dente de Piltdown?

Sorriu e disse-me que, logo que tinha sabido por Marcellin Boule e o Abbé Breuil da minha presença e da do meu irmão no R.I.C.M., o regimento que fazia brigada com o 4º R.Z.T., onde ele servia como maqueiro, procurou logo entrar em contacto connosco.

Foi assim que se deu o encontro que deveria ter mais tarde uma influência determinante em toda a minha vida.

O que foi o comportamento do Padre Teilhard debaixo de fogo, atestam-no o testemunho dos seus camaradas e chefes e os seus inúmeros louvores e condecorações. Por mim, posso falar da sua coragem tranquila, a paz soberana com que lidava com o perigo. Os atiradores norte-africanos do seu regimento consideravam-no protegido pela *baraka.* As rajadas de balas das metralhadoras, a saraivada dos bombardeamentos, tudo parecia evitá-lo. Nos ataques de 25 de Setembro, o meu irmão, errando ferido pelo campo de batalha, viu surgir-lhe pela frente um único maqueiro, Teilhard, que cumpria, imperturbável, a sua missão debaixo dum fogo terrível. O meu irmão dizia-me muitas vezes ter tido a impressão de um milagre ao ver a alta silhueta do Padre, em *kaki*, correr para ele para lhe fazer o primeiro curativo e o levar ao posto de socorros.

- Julguei ver aparecer-me o enviado especial de Deus…

Um dia, perguntei ao Padre: - Como faz para conservar essa serenidade no meio da batalha? Dir-se-ia que não vê o perigo e que o medo não o pode atingir…

Respondeu-me, com aquele sorriso sério e fraternal que tanto calor humano dava às suas palavras: - Se for morto, mudo apenas de estado, eis tudo…

A convicção, a segurança e, ao mesmo tempo, a simplicidade com que esta profissão de fé me foi feita, deixaram-me em estado de choque. Estávamos ainda

em plena guerra e Deus sabe como ela foi mortífera. Tratava-se, pois, duma atitude de alma consciente e vivida, duma regra de vida. Isto tocou-me tanto mais, quanto à época eu deixara de ter fé e tinha conhecido os horrores do desespero de me sentir soçobrar na noite da morte quando, meses atrás, tinha sido gravemente ferido. [...] Tendo escapado à morte, depois dum longo período de internamento no hospital, voltei para a frente por alguns meses. [...] A guerra terminava num clima de esgotamento, de cansaço, de amargura e de revolta.

Uma noite, no fim do Outono de 1919, o Padre Teilhard, já desmobilizado, jantava com um dos meus irmãos e comigo em casa de uma velha parente minha, por detrás da igreja de Santo Agostinho. Despedimo-nos da nossa anfitriã pelas nove horas e saímos juntos com o Padre, na direcção do metro da Madalena. Chovia e fazia muito frio. Caminhando a seu lado, confessei-lhe que tinha perdido a fé há muito tempo e expus-lhe os motivos... Com toda a simplicidade e com aquela bondade e caridade que ele nunca deixou de prodigalizar aos outros, expôs--me as suas ideias sobre a Criação, o sentido da Evolução, o lugar eminente e activo de Cristo na Evolução do Cosmos.

Das nove horas até à meia-noite, indo e vindo debaixo de chuva entre Santo Agostinho e a Madalena, o Padre trouxe-me uma revelação que me iluminou, me deu a resposta há tanto tempo esperada.

Nessa noite, nasci para a vida, titubeando como Lázaro ao sair do túmulo, ao chamamento do Senhor: *Surge !*

Foi um deslumbramento, que revolucionou a minha vida de alto a baixo. E anos passaram consagrados ao estudo, à investigação, aos trabalhos literários... E depois, chegou o dia em que era preciso confrontar-me com as mais banais realidades materiais. [...] Iria ser necessário cindir a minha actividade em duas partes: dum lado, a investigação no domínio do espírito, a que me parecia dever renunciar, e, do outro, o trabalho de organização material que constituiria o exercício das minhas novas funções. Foi o Padre quem me encorajou, dizendo-me que o homem não tem que fazer a escolha nem recusar o dever de estado que lhe incumba. O exercício duma profissão, a assunção de responsabilidades materiais e morais, podem sempre ser instrumentos de libertação e de progresso espirituais. Com os homens, com o dinheiro, com o trabalho, é preciso tentar constituir um suporte vivo em que o espírito possa progredir. [...] O trabalho de cada dia ensinou-me que o progresso não se realiza senão por aproximações sucessivas e que não pode ser de outra maneira, visto que cada liberdade individual tem o direito de aceitar ou recusar. A textura do mundo é tal que nos impele a cometer injustiças: em cada instante é necessário reajustarmos a nossa acção no sentido do que é mais justo.

Quantas vezes não me senti tentado a desesperar, temendo soçobrar na utopia! Porém, outras tantas, recordava com reconforto a submissão ao real e da humildade de que o Padre Teilhard me dava o exemplo. Mas estes últimos vinte e cinco anos da minha vida trouxeram-me a apaziguante confirmação de tudo o que ele me revelou naquela noite do Outono de 1919. [...]

Max Begouën, juntamente com os irmãos, todos amantes da paleontologia, fizeram em 1912 a descoberta da caverna de Tuc d'Audoubert, situada na propriedade da família em l'Ariège, onde encontraram os famosos Bisontes de Argila, que a figura ao lado reproduz. Estas esculturas têm mais de 15.000 anos e é precisamente " Os Bisontes de Argila" o título da obra que Max Begouën veio a publicar sobre o achado.

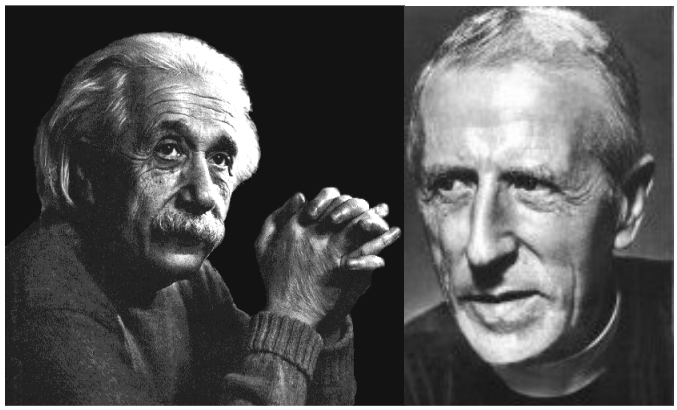
ESTÉTICA E OPTIMISMO
Einstein e Teilhard[1]

artigo de Antoine Morot[2]

Deus separou a Luz das Trevas
Houve Noite e houve Dia
E Deus viu que isso era bom

A beleza do texto do Génesis não pôde deixar Einstein e Teilhard indiferentes. Contudo, nenhum destes dois homens, leitores precoces da Bíblia, conseguiu dispor-se a aceitar esta representação, preferindo adoptar os cânones de S. Tomás de Aquino: «Procurar compreender as leis da natureza é procurar compreender a obra de Deus». Pensadores do universal, da luz e da energia, eles partiram de grandes intuições que nunca mais deixaram de afirmar e de aprofundar ao longo de toda a vida.

Era uma vez dois rapazes



Nos anos de 1890, um, em Munique, não parava de brincar com a sua bússola, passeando-a em todos os sentidos de manhã à noite, enquanto o outro, apenas dois anos mais novo, calcorreava as montanhas da sua Auvergne natal, fascinado pelas pedras e os minerais que ia apanhando pelo caminho. Eram ambos duma curiosidade insaciável e duma feroz independência intelectual, refractários aos dogmas que não quadravam com as suas percepções e intuições das coisas. É sabido que Einstein era um anarquista em mais ou menos todos os domínios. Quanto a Teilhard, pela sua educação e formação, viu-se dolorosamente forçado à necessidade de adoptar posições julgadas desviantes pela Igreja da sua época.

Um e outro se lançaram numa empresa louca e, sem nunca se terem encontrado, revolucionaram a maneira de os homens verem a matéria e o cosmos. Cada um refez o mundo à sua maneira. Teilhard, que se tornou geólogo e paleontólogo, teve como laboratório as vastas amplidões da Ásia, visitadas pelo seu martelinho, sempre acompanhado pelo breviário. Quanto a Einstein, não tinha laboratório nem observatório e chamava à gaveta em que guardava as folhas com as suas notas «o meu departamento de física teórica». Ambos tinham uma relação muito particular com a natureza. Para além das rochas e dos minerais, Teilhard interessava-se muito pela botânica e pela zoologia. Einstein, menos perito nestes domínios, era no entanto já sensível à ecologia e biodiversidade, tendo estabelecido, entre outras coisas, que «se as abelhas viessem a desaparecer da face do globo, ao homem não restariam mais que cinco anos de vida». Cálculos, sempre os cálculos.

---

[1] Traduzido a partir da Revista "Teilhard Aujourd'hui, nº 25, Março 2008, Ass. P. T. Chardin, Paris, sob autorização do autor

[2] O autor é Doutor em Ciências na Universidade de Paris e Master of Science da Universidade de Stanford. Fez carreira na banca internacional, nomeadamente no Banco Mundial, tendo-se recentemente especializado na microfinança internacional. É membro da Association Teilhard, em Paris, e participa na redacção de artigos para a Revista "Teilhard Aujourd'hui". Foi aluno de Hans-Albert, filho de Einstein, professor em PhD, em Berkeley. Ocupando-se, desde essa época, particularmente de Albert Einstein, viu o interesse de estabelecer uma ponte com Teilhard.

Concordâncias

A primeira concordância entre estes dois homens é a de época e lugar. Einstein nasceu apenas dois anos antes de Teilhard, em Ulm, na Alemanha, e ambos morreram nos Estados Unidos em Abril de 1955, com uma semana de intervalo, um em Nova Iorque em domingo de Páscoa, o outro em Princeton, a uma distância de 100 km. Efectivamente, Einstein foi obrigado a sair da Alemanha e emigrar para os Estados Unidos em 1933, com a chegada dos nazis ao poder, os quais denunciavam violentamente a «ciência judia», de que a relatividade e a mecânica quântica eram os dois emblemas. Teilhard, padre jesuíta, devido a diferendos ou incompreensões de ordem teológica com Roma, foi exilado para a China a partir de 1923 por mais de vinte anos, depois para os Estados Unidos durante os últimos sete anos da sua vida. Foram, portanto, dois exilados contemporâneos, no limite do apátrida, com trajectórias paralelas comparáveis. Apesar dos sofrimentos e da solidão dos seus destinos, nunca baixaram os braços, nunca renunciaram aos seus trabalhos de investigação, guiados por uma fé absoluta no objectivo. Para eles, o dever do homem é descobrir a ordem escondida do mundo, tornando-se esta busca uma contemplação activa, uma tarefa de toda a vida. Para Einstein, confrontar-se com as coisas do universo era o «objectivo supremo», a «promessa duma libertação», o equivalente a uma «vocação sacerdotal». Ele conduziu a sua investigação como uma meditação na busca da divina perfeição. Para Teilhard, a investigação era «tão sagrada como o trabalho do padre», que ele era.

Filosofias

Teilhard era naturalmente portador duma boa cultura filosófica e teológica, com uma nítida predilecção por Bergson e a sua «Evolução criadora»: o positivismo evolucionista e espiritual de Bergson, combinado com um optimismo fundamental, assim como com o primado dado à intuição permitindo coincidir com a «duração pura», convinha à sua visão. A concepção filosófica de Einstein é menos conhecida. No entanto, ele tinha acumulado um saber enciclopédico e aos 13 anos já lia Kant e Espinosa, com um interesse particular pelas investigações epistemológicas: o espaço, o tempo, assim como o julgamento estético e a intuição pura de Kant não o podiam deixar indiferente. Porém, com o tempo, um e outro divergiram um tanto em relação aos respectivos *maîtres à penser*.

Einstein deu sempre ao seu trabalho científico uma dimensão espiritual: «Não consigo conceber um cientista autêntico sem uma fé profunda». Para ele, a investigação não visava tanto compreender a obra de Deus, mas o próprio Deus, o seu Deus que estava ali ao alcance da razão, escondido na ordem cósmica: «Toda a física é uma metafísica», dizia. Para ele, a correspondência quase miraculosa entre a lógica da natureza e a homotética lógica do espírito humano constituía o milagre fundador, a revelação directriz, transportando consigo um absoluto de beleza, de harmonia, de unidade e de simplicidade. Esta reconciliação geral haveria de tornar-se o dever e o trabalho da sua vida, pela confluência obrigatória da mecânica, da óptica, do electromagnetismo e da termodinâmica: procura da grande teoria unitária, libertando a física do seu reino de ilusões e revelando o paradigma da universal reconciliação. A mesma exigência racional, que lhe havia feito rejeitar os dogmas religiosos e a ordem estabelecida, revelou-lhe um «horizonte radioso, o caminho que leva ao paraíso». Pela resolução dos enigmas escondidos sob a aparência das coisas, ele sentiu o apelo de penetrar os mistérios duma natureza divinizada. Espinosa, com o seu sistema que partia de Deus, dizia: «Deus nada criou, ele é a própria natureza, ele esconde-se na arquitectura e no movimento cósmico, ele revela-se na harmonia de tudo o que existe». Como Espinosa, Einstein acreditava, com efeito, num princípio panteísta, omnipresente na natureza: «É certo que a convicção, aparentada com o sentimento religioso, de que o mundo é racional, ou pelo menos inteligível, está na base de todo o trabalho científico algo elaborado. Esta convicção constitui a minha concepção de Deus – é a mesma de Espinosa». O raciocínio de Einstein e de Teilhard repousava sobre um certo número de «princípios» de natureza filosófica. Para Teilhard, tratava-se em particular dum «optimismo racional», dum absoluto de amor, de acção, de esperança, mas também, como em Einstein, duma ordem estética fundamental, implicando harmonia, coerência, perfeição intrínseca da teoria.

A aproximação de Einstein à ciência era um tanto singular: originalidade filosófica, moral e espiritual, fundada sobre o primado das ideias e dos factos, da teoria sobre a experiência. Os dois homens rejeitavam sistematicamente a concepção então em voga do absurdo. Para Teilhard: «O absurdo de qualquer coisa é, por definição, indemonstrável». Quanto a Einstein, era muito simples: tudo o que não tinha graça a seus olhos era absurdo, o que lhe permitiu efectuar a triagem e fazer as suas mais belas descobertas. Para ele, «o mais incompreensível era que o mundo fosse compreensível». Ele sabia, antes de qualquer demonstração, que a natureza esconde uma sublime simplicidade a descobrir e que a resposta se encontra na procura perpétua da perfeição. Para ele, uma equação pesada ou empolada só podia ser falsa. Se bem que ele tenha sido o iniciador da mecânica quântica, tão cara ao seu amigo Planck, logo a seguir combateu-a, mais por razões filosóficas e estéticas do que científicas, dado que a achava desajeitada não podendo, pois, reflectir a última verdade: não se encontrava nela os atributos de «Deus, que não poderia ter feito um universo qualquer».

Combates oratórios épicos, que teriam sido ainda mais belos em grego ou latim, produziram-se muitas vezes entre os três amigos Einstein, Planck e Bohr, no Kaiser Wilhelm Institut de Berlim, respeitantes à relatividade, à física quântica e outras, como o mostra este diálogo legendário entre Bohr e Einstein:

- Einstein: «Deus não joga aos dados!» *(Deus pesseris non ludit!)*
- Bohr: «Quem sois vós, Einstein, para dizer a Deus o que ele deve fazer?» *(Qualis es, Einstein, ut Deo dicas quae facienda sunt)*

Para estes grandes cientistas, Deus nunca estava longe com. O terreno filosófico de Einstein sempre constituiu, assim, a base do seu trabalho, tal como o percurso do cónego Copérnico havia sido mais filosófico do que cientifico. Também Copérnico tinha querido estabelecer a beleza da ordem celeste, dando o primado ao universo concebido segundo «uma exigência de ordem, de harmonia e de beleza», segundo uma perfeição cósmica «simples e agradável ao espírito». A revolução coperniciana, fundada sobre a estética, tinha prefigurado a revolução einsteiniana do mesmo tipo.

As visões evolucionistas de Einstein e de Teilhard modificaram completamente a nossa percepção da realidade. Colocaram-se numa perspectiva essencialmente de movimento, segundo critérios que lhes pareciam de total evidência. A teoria da relatividade tinha revolucionado, não somente as leis da física, mas também o pensamento filosófico, ao pôr em questão a concepção kantiana dos quadros a *priori* do espaço e do tempo, assim como as de Newton e Laplace, que tinham visto no universo um encadeamento puramente determinista.

Teilhard tornou caduca qualquer visão fixista ao descobrir na evolução uma dimensão nova da vida, indo da paleontologia à escatologia. Einstein e Teilhard responderam, assim, às exigências de síntese que o homem se coloca no seio do cosmos, numa época em que o primado da análise era ainda a regra. Estabeleceram que o conhecimento não podia avançar sem se confrontar com a complexidade, tornando inseparáveis os elementos constituintes do todo: nada é estranho a nada no cosmos, dos átomos às estrelas. As suas duas visões evolucionistas encontraram-se, pondo de parte, por igual, tanto o espiritualismo encantatório desligado do mundo sensível como o materialismo niilista que nega a realidade espiritual. Em ambos os casos, tratou-se da génese dum pensamento, um pensamento convergente, orientado para o alto. Para Teilhard, era mais uma mística, uma visão cósmica e uma intuição, do que uma filosofia, uma psicologia ou um sistema. Mais do que optimista, o seu pensamento era profundamente confiante.

Métodos

O princípio de base de Einstein consistia na «inteligibilidade» dum mundo repousando sobre uma lógica dissimulada por detrás das coisas. Ele sabia, antes de qualquer demonstração, que a natureza escondia uma sublime simplicidade e uma «verdade de evidência» a descobrir, a partir da qual a razão podia ser construída. Impermeável ao conformismo ambiente e aos dogmas

imutáveis, deu livre curso à sua intuição. Mais do que observar a natureza, ele pensou-a, para depois confrontar a teoria, assim concebida de maneira abstracta, com a realidade. Para ele, observar era, com efeito, sujeitar-se às leis da observação e eram necessários factos indiscutíveis a fim de estabelecer leis intangíveis. «A ordem estética» foi sempre um dos seus principais motores e rejeitava, por instinto, as teorias que feriam o seu sentido estético, o que o levou, com sucesso, a pôr em causa os métodos e os resultados dos mestres, incluindo o sistema do grande Newton. A nova abordagem de Einstein entreabriu a este rebelde o mundo dos quanta, depois, o da relatividade restrita, depois, o da relatividade generalizada; a teoria einsteiniana declina-se através duma terminologia bem conhecida: «relatividade», «espaço-tempo», «quarta dimensão», «curvatura do espaço», «matéria-energia».

O objectivo de Teilhard era realizar a conjunção da razão com a metafísica numa vasta síntese fenomenológica da natureza, de acordo com uma "ressonância do Todo», invocando também o primado da intuição e a função essencial da arte na progressão da energia espiritual. Acreditava numa dinâmica convergente da busca da verdade pela ciência e pela intuição filosófica, pelo conhecimento teológico e pelo espírito de síntese. Os seus esforços desenvolveram-se no sentido de associar a investigação científica relativamente à origem do homem com a reflexão quanto ao futuro da humanidade: aprofundamento das origens a fim de melhor se projectar no futuro, devendo o passado histórico, biológico ou cósmico permitir a compreensão dum mundo em evolução. Pôs nomeadamente em evidência as noções de emergência, de sistemas complexos e o papel determinante da evolução para explicar a aventura cósmica humana: determinar os campos de acção e de interacção entre o humano e o cósmico numa base de inversão das perspectivas, ou seja, não mais atingir o espírito a partir da matéria, mas reconstituir a matéria descendendo do espírito, eleito substância primordial das coisas.

O Pensamento do Real

Pelas suas intuições e pelos seus trabalhos, Einstein e Teilhard operaram uma revolução conceptual considerável e, graças à reunião dos seus esforços, o universo inteiro pôde adquirir todo um sentido, na tríplice acepção da palavra: sensação, direcção, significação. Naturalmente, os seus métodos eram muito diferentes: para o primeiro, era pela filosofia e pela física teórica, para o segundo, pela geologia, a paleontologia, a escatologia e a mística. Aliás, Bergson tinha anunciado aos físicos que o inerte se devia explicar pelo vivo e, aos biólogos, que a vida não devia ser compreendida senão pelo pensamento e que o todo deveria ser ensinado antes dos elementos.

Einstein e Teilhard desenvolveram duas aproximações evolucionistas que punham em causa a visão fixista tradicional, tornando-se a partir de então movimento e dinamismo, em que todos os elementos da natureza se encontram efectivamente interdependentes. A teoria da relatividade e a mecânica quântica, que revolucionaram as leis da física, confirmaram este princípio e extrapolaram-no a todo o universo: tudo mexe e se transforma, tudo se move segundo o princípio da acção e da reacção. Com as suas leis electromagnéticas, Maxwell tinha unificado a electricidade e o magnetismo; Einstein, com a relatividade, fê-lo para o tempo e o espaço, por um lado, e para a matéria e a energia, por outro, segundo os princípios da convergência e da unificação. Onde a mecânica clássica não via senão a interacção das partículas numa esfera muito reduzida, a novas física é conduzida, por todas as suas hipóteses, a fazer intervir o mundo inteiro. Segundo o princípio da relatividade, um fenómeno não pode definir-se de maneira absoluta, mas apenas relativamente a outros. A relatividade restrita impôs ao mundo uma velocidade limitada, a velocidade da luz, tornando-se os efeitos relativistas e quânticos apenas predominantes para os objectos ou os componentes elementares das coisas animados duma grande velocidade.

A Matéria. Einstein, pela teoria da relatividade restrita, tinha modificado as leis da mecânica newtoniana e colocado a equivalência entre a massa e a energia, ou o conteúdo massa e o conteúdo energia, segundo a equação mais conhecida no mundo: E=mc2. A matéria deixava de ser inerte, energia ou matriz de energia, matéria e energia tornando-se transmutáveis uma na outra. A famosa

equação, duma simplicidade bíblica, podia fazer lembrar o Génesis: apesar das dimensões da constante, Einstein amava a simplicidade. Contudo, para a relatividade generalizada precisou ainda de sete anos dum trabalho intenso e ininterrupto.

Tal como a física de Newton, a biologia de Lamarck e de Darwin aplicava-se à superfície mecânica das coisas. Para Teilhard, a matéria é matriz do espírito e reflecte o mesmo dinamismo, mas na direcção do espírito: existe, pois, uma função dinâmica reconciliando o espírito e a matéria, cuja noção de espírito-matéria se aproxima da de matéria-energia de Einstein. Matéria e consciência não são nem duas substâncias diferentes nem dois modos de existência diferentes, mas dois aspectos do mesmo Estofo. Pela lei da complexidade-consciência, ele estabeleceu a interdependência entre o pensamento e a estrutura material do organismo que lhe serve de suporte: «profundidades espirituais ilimitadas da matéria». Os corpúsculos elementares possuem, de forma rudimentar, as qualidades dos organismos vivos e, ao longo de todo o processo evolutivo, são movidas por uma atracção particular, pela qual se transformam em elementos e estruturas cada vez mais complexas e, assim, conduzidas para o Espírito. Entre os dois infinitos de Pascal, Teilhard tinha entrevisto um terceiro eixo, o da complexidade-consciência. O Universo apresentar-se-ia como um fenómeno orgânico em evolução, em transformação contínua, e, portanto, em progresso, num espaço-tempo em vias de complexificação, conjunto orgânico vivo e coerente movido por uma mesma lei universal. Teilhard estabeleceu uma ligação directa entre o espírito terrestre, ou seja, o espírito do homem, e o espírito cósmico, unificando, tal como Einstein, material e espiritual.

O Tempo, com a noção de duração, é uma das maiores descobertas da ciência contemporânea, como elemento constitutivo de todas as coisas, e Einstein renovou completamente a nossa concepção do universo com a sua percepção de espaço-tempo. Mostrou que as características do tempo e do espaço não são absolutas, antes dependentes do observador, e que existe uma relação inseparável entre o tempo e a velocidade do sinal. Com a relatividade, espaço e tempo ficaram absolutamente ligados, o que significa que qualquer acontecimento fica doravante ligado a um espaço-tempo. O resto resulta daí pelo movimento: aumento da massa, dilatação do tempo, contracção das distâncias, o todo ligado ao movimento. Fazendo isto, Einstein pôs em causa, dum só golpe, a relatividade de Galileu e a mecânica de Newton, questionando o tempo absoluto, o espaço absoluto, o éter.

Na mesma época, Bergson tinha definido a «duração pura» como sendo o acesso pelo qual o homem descobre e põe em acção o seu próprio desenvolvimento; mostrou a compatibilidade entre a sua tese da «duração única» com a teoria de Einstein sobre a relatividade generalizada e os tempos múltiplos. Teilhard, por seu lado, havia descoberto que o tempo, no espaço, tinha permitido à matéria transformar-se por relações de ordenamento gradual dos elementos até se tornar espírito, cada elemento estando desde a origem dotado duma centelha de espiritualidade. A complexidade teria, assim, emergido progressivamente ao longo do tempo, por um longo processo de evolução, dizendo respeito primeiramente às partículas de matéria (cosmogénese), depois aos organismos vivos (biogénese), por fim, ao próprio homem (antropogénese, noogénese). Para os antigos, o tempo era teoricamente negligenciável, uma vez que a duração duma coisa apenas manifestava a degradação da sua essência. Segundo o evolucionismo generalizado, contudo, há construção pelo tempo, formação e crescimento do Universo em cada instante, génese perpétua e universal, havendo mais nascimento dum mundo do que existência dum mundo: o evolucionismo exprime a invasão de todas as nossas perspectivas científicas por uma realidade do Tempo orgânico melhor entendida, prolongando-se a cosmogénese numa antropogénese.

Darwin tinha transformado a visão do homem de simples observador na dum componente da biogénese. As conclusões de Teilhard, porém, diferiram das de Darwin e de Bergson quanto à evolução cósmica: enquanto que para estes o cosmos se revela por uma irradiação divergente, para Teilhard é pelo homem que passa o tronco principal da árvore da vida, sendo a evolução dirigida numa ortogénese do homem, com predeterminação orgânica e confluência na União Criadora. A vida não se diversifica ao acaso, antes deixa ver uma direcção absoluta de marcha na direcção dos valores de consciência crescente.

Extensões. Uma vez apurada a sua teoria da relatividade restrita, Einstein dedicou-se de alma e coração à relatividade generalizada: enquanto a primeira se aplicava unicamente ao movimento rectilíneo e uniforme, a segunda estendia os seus princípios aos sistemas acelerados, desembocando numa teoria fundamental do campo de gravitação num universo a quatro dimensões, curvo e finito. Para cúmulo, ele tinha tentado afinar uma teoria unitária capaz de reunir, no seio duma mesma teoria, as leis da gravitação e as do electromagnetismo: teoria essa que continua a apresentar dificuldades ainda não transpostas à hora actual. São as leis da relatividade de Einstein e a mecânica quântica de Planck que continuam, ainda hoje, a dar-nos conta do universo conhecido. À visão newtoniana e laplaciana dum universo determinista, mecânico e fragmentado sucedeu a dum mundo indeterminista, holista e exuberante de criatividade. Doravante, o Real deixou de ser determinado apenas por leis naturais aplicadas a condições iniciais particulares, mas é também modelado pela contingência, mesmo por uma série de acontecimentos históricos. Hoje, a matéria é considerada, ao mesmo tempo, como corpúsculos dotados duma massa, onda e energia pura, tudo no seio dum universo curvo, ilimitado e em expansão.

Sempre dado ao gracejo, Einstein, na sua autobiografia, tinha pedido desculpas ao grande Newton, cuja herança ele tinha definitivamente pervertido: «Newton, perdoa-me… na tua época não havia senão uma via possível, e tu encontraste-a». Lá, onde Newton se terá contentado com uma única equação, Einstein precisou de dez. De facto, a física de Einstein tinha incorporado todos os adquiridos da de Newton, mas se foi Newton quem viu a maçã cair, Einstein caiu com a maçã.

Interlúdios

Quando Einstein esbarrava em dificuldade nas suas investigações, largava a mesa de trabalho e pegava no seu violino (tocava desde os seis anos, nessa altura acompanhado pela mãe ao piano), o que o ajudava a continuar as suas reflexões, embalado pela melodia. Na verdade, ele era melómano e violinista, tendo como amador atingido um bom nível e dedicando um amor especial às sonatas de Mozart e de Beethoven. Não era no mínimo um desportista, mas o seu pequeno veleiro era como o seu segundo violino de Ingres. Nos dias solitários, passava horas a navegar, quer no lago de Genebra, quer no lago Havel, em Berlim, quer no oceano Atlântico, ao largo das costas de New Jersey, nos Estados Unidos. Nos seus pensamentos e cálculos, vivia sempre em comunhão com a natureza, com a água, o céu, o vento. Se bem que não dispensasse a bússola, os seus métodos de navegação eram aleatórios e tornava-se por vezes um vagabundo do vento. Tendo uma vez levado Marie Curie a dar um passeio no lago de Genebra, esta ter-lhe-á dito: «Não sabia que você era um timoneiro tão bom», ao que ele lhe respondeu: «Nem eu», dando enormes gargalhadas, pois adorava desmanchar-se a rir das suas próprias piadas. Evidentemente, nem um nem outro sabiam nadar, nem tão pouco havia bóia a bordo, visto ele ter um prazer perverso em infringir as convenções, fossem elas da navegação ou do foro da física teórica.

Teilhard, caminheiro das serranias, não precisava propriamente de exercício físico suplementar. A sua profissão levava-o a percorrer a pé milhares de quilómetros na China, na Mongólia e noutras regiões, sempre acompanhado do seu martelo e do seu breviário, dando grandes passadas ao ritmo de um corredor de fundo, doseando o seu esforço e conduzindo a sua montada. Num certo sentido, estava em férias desportivas a maioria do tempo, mas o seu espírito, tal como Einstein, jamais repousava. No plano da náutica, aconteceu-lhe por diversas vezes deslocar-se em piroga aquando das suas expedições, mas nessas alturas não era nem o timoneiro nem o remador. Quando visitou o seu amigo Henri de Monfreid na Eritreia, deve também ter navegado no Mar Vermelho com este famoso lobo-do-mar. Mas, sobretudo, passou longos dias e longas noites a olhar o mar ou o oceano, o céu e as estrelas, quando das suas numerosas viagens em paquete, dirigindo-se à China, às Índias, aos Estados Unidos, à África do Sul e muitos outros

destinos. Esses tempos de lazer eram, mais uma vez, consagrados à reflexão, à escrita e, sempre, à leitura do breviário. A arte não estava ausente das reflexões de Teilhard, pelo contrário, pois ele pensava que a arte, sob todas as suas formas, representava uma das expressões mais acessíveis do sagrado à sensibilidade do homem. Pode-se imaginar a sua «Missa sobre o Mundo», escrita no deserto de Ordos, celebrada pela melodia do "Canto da Terra", de Mahler, ou pelo «Te Deum», de Bruckner, animada por uma floresta de arcos convergindo para o alto.

As Mulheres

Segundo diversas testemunhas, Einstein amava as mulheres, mas não era muito esquisito na escolha das suas parceiras, que ele preferia bastante vulgares: «atraído por homens notáveis e seduzido por mulheres comuns», diziam as más-línguas. A sua celebridade suscitava, evidentemente, um bando crescente de admiradoras, conquistadas à partida. Ele tinha declarado que achava as mulheres «bastante pouco criativas». Com excepção de Marie Crie, que, por outro lado, ele achava «muito pouco feminina». No entanto, é necessário não esquecer que ele teve uma extraordinária cumplicidade intelectual com a sua primeira mulher, Mileva, aliás bem pouco graciosa, mas uma física brilhante, que ele conheceu no Politécnico de Zurique. Ela foi, junto do marido, uma interlocutora e uma guia de grande qualidade na concepção e na formulação matemática da relatividade restrita. Porém, as questões domésticas e familiares, entre as quais o misterioso drama da pequena filha do casal, Lieserl, destruíram a união. Isto não o impediu de enviar a Mileva o montante do seu prémio Nobel em 1921. No plano intelectual, o casal Albert-Mileva aparentava-se ao de Pierre e Marie Curie ou ao de Irene e Frédéric Joliot-Curie. Einstein, quando dirigia o Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, apaixonou-se por Elsa, uma prima sua, divorciada, que tinha uma filha chamada Ilse. Foi esta última quem escreveu: «o Albert prepara-se para casar comigo ou com a mamã. Qual será a melhor solução, para a felicidade dos três e principalmente para a de Albert?». Einstein escrevia cartas de amor.

É claro que qualquer comparação entre Einstein e Teilhard no domínio feminino é totalmente aleatória, visto que tais antípodas só se podem encontrar na física teórica. Mas Teilhard não foi menos amado pelas mulheres e também nunca se resguardou de amar. Como jesuíta, ele tinha, porém, pronunciado os votos de Santo Inácio: «pobreza, castidade, obediência… em primeiro lugar ao Papa». Ele não era homem de falhar ou de trair. Mas isso não o impediu de dar extrema importância ao espírito feminino, fazendo uma quase-mística do «eterno feminino», dum «amor glorioso, não físico»: para ele, a energia tinha uma conotação poderosamente feminina. Tendo sempre recusado a separação entre matéria e espírito, ele concebia a castidade como uma força superior de união. Ao contrário de Einstein, dava primazia à inteligência feminina, à cultura e à independência de espírito. A mais notória dentre essas mulheres foi Lucile Swan, mulher de grande porte e naturalmente generosa, uma artista americana a viver em Pequim, que esculpiu o busto daquele que ela haveria, durante um quarto de século, de admirar e pretender apaixonadamente. Foi também ela quem modelou a face da famosa «Nelly», hipotético Sinantropo. No mais profundo do seu íntimo, esperava que Teilhard acabasse um dia por romper com a Companhia de Jesus e recuperasse, assim, a liberdade, mas isso foi um voto pio. Ele tinha-lhe escrito: «Eu não pertenço a mim mesmo e, por conseguinte, não me posso dar inteira e exclusivamente a ninguém». A sua prima Marguerite, agregada em Filosofia, tinha tido sobre ele uma grande influência e ajudou-o na elaboração da sua obra, tendo ambos trocado durante toda a vida uma correspondência continuada e abundante. Não devemos também esquecer a sua irmã Marguerite-Marie, grande intelectual, de quem ele sempre esteve muito próximo e que morreu jovem, para enorme desgosto do irmão que, ao receber na China a notícia, escreveu uma das mais belas estrofes da sua vida: «Oh Marguerite, minha irmã, enquanto eu, entregue às forças positivas do Universo, percorria os continentes e os mares, ocupado a olhar apaixonadamente a ascensão de todos os matizes da Terra, vós, imóvel, prostrada, vos metamorfoseáveis silenciosamente em luz».

Prolongamentos

As vidas de Einstein e de Teilhard poderiam dar dois romances. O exílio e as desventuras terão nisso tido um papel importante, mas os precedentes históricos não faltarem, à semelhança do cónego Copérnico. Este desenvolveu, no maior segredo, a sua teoria astronómica, que desalojava a Terra do seu lugar central no universo (tal como Einstein trabalhou na sua relatividade restrita, às escondidas, durante as horas de serviço no Bureau des Inventions Techniques de Berna). Copérnico, que temia um mau acolhimento, pelos teólogos da época, das suas descobertas, tinha decidido, como clérigo precavido, só publicar a sua obra três dias antes da sua morte. Apenas três quartos de século mais tarde é que Roma condenou as suas ideias como sendo contrárias às Escrituras e foi finalmente Galileu quem será condenado pelo Tribunal da Inquisição. No século segundo antes da nossa era, Aristarco de Samotrácia havia já descoberto as futuras teorias de Copérnico, mas tinha sido admoestado por falta de piedade e convidado por Arquimedes a interessar-se por outra coisa: o seu silêncio duraria dezoito séculos.

Teilhard, esse não teve a prudente sabedoria de Copérnico e esbarrou com um muro de recusa até ao fim da vida. Algumas semanas antes da morte, escreveu: «Terei passado paradoxalmente a minha vida a abafar num Cristianismo fora do qual ter-me-ia sido impossível respirar».

A solidão de Einstein e de Teilhard terá sido o preço desta inalterável fidelidade que é a fidelidade a si próprio, e tudo terá acontecido como se estes dois homens de excepção, na aparência muito diferentes, se tivessem efectivamente encontrado e reconhecido.

As apresentações estão feitas …

Antoine MAROT

AAPTCP – *Actualidades*

MESA REDONDA

No dia 31 de Maio, conforme anunciado aos associados, realizou-se uma Mesa Redonda subordinada ao tema **"Os desafios da cultura europeia – o profetismo de Teilhard: ciência, educação, ética, religião"**. Foi moderador o Engº Roberto Carneiro e foram oradores, pela ordem indicada dos temas, a Drª Helena Borba, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, o Prof. Luís Sebastião, da Universidade de Évora, o Dr. Paulo Pires do Vale, da Universidade Católica, e o Prof. Luís Archer s.j. A Paróquia de São João de Deus cedeu para o efeito o seu auditório, no qual os participantes, cerca de quarenta, foram acolhidos pessoalmente pelo Prior, Sr. Cónego Carlos Paes. No final, numa capela anexa celebrou-se a Eucaristia, presidida pelo Padre Luís Archer, durante a qual foram lidos trechos de "A Missa sobre o Altar do Mundo", de Teilhard de Chardin. Esta Eucaristia assinalou as datas de nascimento e morte de Teilhard, 1 de Maio e 10 de Abril respectivamente, bem como a de 22 de Junho, data da fundação da nossa Associação, que assim completa dois anos.

ASSEMBLEIA GERAL

Acta nº 3

No dia 14 de Abril de 2008, pelas 21 horas e 30 minutos, realizou-se, nas instalações do Centro Paroquial de S. João de Deus, em Lisboa, a Assembleia-Geral ordinária da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal, com a seguinte ordem de trabalhos: ponto 1, aprovação do relatório e contas de 2007, ponto 2, aprovação do plano de actividades e orçamento de 2008. Conforme lista de presenças anexa, estiveram presentes 8 associados, a quem foram distribuídos o relatório e contas de 2007 bem como o plano e orçamento de 2008.

A Mesa reuniu com a ausência das Secretárias eleitas, por impedimento justificado de uma e não comparência da outra, tendo o Presidente da Mesa, Professor Doutor Adriano Moreira, nomeado como Secretário had-hoc o secretário da Direcção da AAPTCP, após o que declarou aberta a sessão.

Como ponto prévio, o Secretário informou a Assembleia da não realização do momento cultural que se anunciara para o final da reunião, por impossibilidade de comparência da conferencista.

Entrando no primeiro ponto da ordem de trabalhos, foi comentado o relatório e explicadas as contas do exercício de 2007, tendo sido ambos os documentos aprovados por unanimidade. Quanto ao ponto dois, depois de apresentados e explicados o plano de actividades e orçamento para 2008, foram os mesmos igualmente aprovados por unanimidade. Todos estes documentos ficam anexos à presente acta.

No momento da apresentação do plano de 2008, ao comentar-se a nomeação do Bispo do Porto, D. Manuel Clemente, como sócio honorário, foi referido pelo Secretário ter aquele senhor, durante a audiência que na altura concedeu à Direcção, mostrado interesse em que as actividades da AAPTCP se estendessem ao Porto, nomeadamente a criação ali de Grupos de Leitura Teilhard de Chardin. A este propósito, o Presidente da Mesa deu a sugestão de se vir a realizar no Porto um evento cultural, a que se ligasse a celebração duma Eucaristia, como tem sucedido noutras ocasiões em Lisboa.

Antes de encerrar a sessão, o Presidente da Mesa, pôs à disposição da AAPTCP, para realização de qualquer seu evento público em Lisboa, o espaço da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, nas instalações da Sociedade de Geografia, de que ele é presidente.

Nada mais havendo a tratar, o Presidente da Mesa, deu por encerrada a sessão.

Lisboa, 14 de Abril de 2008

Assinada por: O Presidente da Mesa e o Secretário had-hoc

RETIRO

Nos dias 14-16 de Março, realizou-se, na Casa de Retiros de Santo Inácio, no Rodízio, Praia Grande, o segundo Retiro anual da AAPTCP. Tal como o anterior, foi orientado pelo Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j. e teve a participação de cerca de 50 pessoas, entre membros e não-membros da Associação. As reflexões profundas suscitadas pelo Padre Vasco, com frequente invocação da mística de Teilhard de Chardin, tornaram este encontro um momento de grande enriquecimento espiritual, por todos reconhecido.

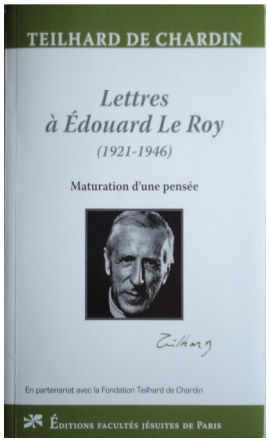
Está no espírito da Associação continuar esta prática, pelo que organizará, em 2009, o terceiro retiro Teilhard de Chardin, aberto a sócios e a pessoas de fora que, como tem vindo a acontecer, manifestem interesse em participar.

NOVOS SÓCIOS

Ao longo de 2007 e nos primeiros meses de 2008, registámos as seguintes inscrições de novos associados da AAPTCP, a quem damos as boas-vindas:

- Prof. Dr. Luís Adolfo Pinto Walter de Vasconcelos, Copenhaga, sócio nº 49
- Maria José do Espírito Santo Carvalhal Franco, Lisboa, sócia nº 59
- Dr. Gonçalo Malheiro, Lisboa, sócio nº 60
- Drª Maria Judite de Sá Machado Monteiro Marçal Grilo, Lisboa, sócia nº 61
- Drª Magdalena Lazar Serbanesco, Lisboa, sócia nº 62
- Fernando Marcelino Ferreira, Lisboa, sócio nº 63
- Maria da Piedade Pinto Correira, Lisboa, sócia nº 64

"Lettres à Édouard Le Roy (1921-1946)"



Por surpreendente que possa parecer, há ainda inéditos de Teilhard de Chardin, se não tanto no campo das ciências que foram a sua especialidade e em que nunca teve quaisquer entraves à publicação, pelo menos no tocante à sua obra de carácter filosófico, místico ou epistolar. É precisamente o caso do livro que acaba de sair e que reúne a correspondência que dirigiu ao cientista-filósofo francês Édouard Le Roy, a quem Teilhard estava unido por uma fortíssima amizade recíproca.

O livro foi editado já em 2008, por iniciativa das Faculdades Jesuítas de Paris, em partenariado com a Fondation Teilhard de Chardin, Paris, sendo prefaciado pelo Padre François Euvé s.j., titular da cátedra Teilhard de Chardin no Centre Sèvres, Universidade Jesuíta daquela cidade.

Como subtítulo do livro lê-se na capa "Maturation d'une pensée", cujo sentido vem a ser apreendido no decurso da leitura das cartas que Teilhard escreveu a Le Roy (apenas 20 são conhecidas) ao longo de 25 anos, como nos é amplamente exposto no prefácio. Efectivamente, Le Roy tem um percurso intelectual com algumas semelhanças com o de Teilhard, nomeadamente no que respeita às visões crísticas no sentido da «aurora dum cristianismo novo», de cariz não fixista. Com uma pequena (grande) diferença: é que, enquanto Teilhard nunca chegou a sofrer a condenação formal das autoridades eclesiásticas, como também delas nunca obteve consentimento para publicar qualquer obra fora do foro estritamente científico, Le Roy viu colocada no Index toda a obra que publicou sobre o dogma, Deus, a evolução e as origens do homem.

Desde que Teilhard travou conhecimento com Le Roy, em 1920, e enquanto não foi enviado definitivamente para a China, em 1926, as suas relações foram-se estreitando, tendo passado a constituir regra o seu encontro semanal, na residência parisiense deste último, «sempre às 4as. feiras, pontualmente às 20.30h». No capítulo do Prefácio intitulado "Influências Mútuas" é posta em relevo a circunstância da sintonia de posições, explorada e desenvolvida ao longo desses encontros e, mais tarde, na correspondência, ao ponto de não ser fácil, nem talvez possível, saber quem mais influenciou quem. O testemunho dum biógrafo de Teilhard, Robert Speaight, citado no Prefácio, confirma esta dificuldade: «*il est difficile de surestimer ce que l'un des amis doit à l'autre – et même de le distinguer clairement*». E prossegue o prefaciador deste novo livro: «A amizade era acompanhada duma partilha intelectual orientada segundo o eixo duma procura comum : qual é, sobre o pano de fundo do "facto da evolução", o específico do homem? É difícil, é, no limite, vão, querer atribuir tal ou tal elemento "em si" a um ou ao outro, na medida em que o essencial é o que se passou nas trocas recíprocas, num diálogo constante, prolongado por diversos anos. Ao sabor dessas conversas, elabora-se, progressivamente, um pensamento comum».

Como epígrafe do livro, é transcrito um pequeno trecho duma carta de 1954, de Teilhard ao seu amigo e futuro biógrafo Claude Cuénot, que recorda precisamente a importância que para ele teve esta amizade e relação: «*Édouard Le Roy, à qui je dois beaucoup, parce qu'il m'a aidé a développer ce que j'avais dans la tête, m'a dirigé, m'a donné confiance, et surtout m'a été une merveilleuse tribune (indirectement) au Collège de France*». Teilhard, privado de aceitar o seu lugar de professor, a partir do qual aspirava dar expressão à sua 'missão' de transmitir uma nova *Weltanschauung* crística, felicitava-se de ver esse papel assegurado, de certo modo, pelo amigo, que com ele partilhava essa mesma visão. Por esta razão, a condenação oficial da obra de Le Roy constituiu para Teilhard um rude golpe, a que acabou por reagir com a sua sempre firme confiança no triunfo das ideias, mas que lhe mereceu este comentário numa carta ao seu amigo e confidente Padre Valensin: «*um cuidado excessivo de clareza e de lealdade no início da obra* Le problème de Dieu *converteu-se em pretexto para condenar três livros e meio que me parecem inatacáveis e para lançar a suspeição sobre as tendências e um espírito onde vejo a aurora do Cristianismo novo*».

Carlo Molari nasceu em Cesena (Forlì) a 25 Julho de1928 e foi ordenado em 1952. Laureado em Teologia dogmática na Universidade Pontifícia Lateranense, ensinou teologia nessa mesma Universidade (1955-1968), na Faculdade Teológica da Universidade Urbaniana da Propaganda Fide (1962-1978) e no Instituto de Ciências Religiosas da Universidade Gregoriana (1966-1976). De 1961 a 1968, foi Ajudante dos estudos da secção doutrinal da Santa Congregação para a Doutrina da Fé *(foi nessa qualidade que se terá manifestado contra o* Monitum *que o Santo Ofício emitiu à época contra Teilhard de Chardin, por o considerar injustificado)*. Durante um decénio, desenvolveu a função de secretário da Associação Teológica Italiana (ATI) e de membro da Comissão de consulta da secção de dogma da revista internacional Concilium. Mantém actividade pastoral em Roma, no Instituto S. Leone Magno dos frades Maristas. Os seus interesses visam sobretudo a busca de modelos teológicos que respondam às necessidades espirituais do homem de hoje, com incidência nos reflexos que a viragem linguística da cultura introduz na formulação da doutrina de fé nas relações entre teologia e ciência. Tem inúmeras obras publicadas na sua especialidade de filósofo e teólogo, sendo uma das mais recentes um livro intitulado *"Credenti laicamente nel mondo"* (1ª ed. 2006, 2ª ed. 2007, *Cittadella Edititrice*), onde reúne artigos publicados na revista *Rocca*. Propondo-se buscar respostas para alguns dos problemas espirituais da humanidade de hoje, abre a sua introdução com as seguintes palavras: *«Muitos observadores concordam no juízo de que a humanidade está actualmente a viver uma fase crucial da sua história. Uma passagem para uma época nova. Como em todas as viragens civilizacionais, também a actual apresenta aspectos inquietantes e não raramente dramáticos. As escolhas insensatas realizadas num passado ainda recente pesam de modo grave sobre as condições presentes e tornam muito incerto o futuro. As despesas loucas em armamentos, a resistência de muitos governos em acolher decisões relativas à poluição da atmosfera, do solo e da água, a arrogância de alguns centros de poder, que impõem a todos os outros os seus interesses particulares com prejuízo do bem comum, são expressões evidentes da desordem actual da condição humana».*

Carlo Molari

Desse livro, extraímos (traduzindo) o capítulo "A acção de Deus num contexto evolutivo", onde o autor se baseia no pensamento de Teilhard de Chardin para desenvolver as suas próprias reflexões quanto à acção de Deus na criação.

A acção de Deus num contexto evolutivo

Carlo Molari

Nos tempos que correm, cada vez mais frequentemente se coloca o problema de como compreender a acção de Deus na criação e na história e de como viver, portanto, a relação com Ele. O primeiro aspecto diz respeito aos modelos a utilizar para pensar e falar correctamente de Deus, enquanto o segundo tem a ver com a vida espiritual. São aspectos em convergência, porque não existe vida espiritual harmónica e serena se os modelos culturais de referência contrastam com os da vida quotidiana.

Para começar, é oportuno recordar dois factos fundamentais: o primeiro, em relação à linguagem, o segundo, relativo ao horizonte evolutivo da cultura actual.

Após a viragem linguística da cultura, não podemos continuar a servir-nos da linguagem como se fosse um instrumento perfeito para descrever as coisas ou para narrar as experiências humanas. Como todas as criações humanas, também a linguagem deve ser continuamente revista, corrigida e

tornada precisa. Isto vale, dum modo ainda mais urgente, para a linguagem relativa a Deus. Sabemos há muito que as nossas palavras, tal como as nossas ideias, são insuficientes para exprimir a experiência religiosa e absolutamente desadequadas para descrever a realidade divina. Assim, as fórmulas bíblicas que são a nossa referência na espiritualidade cristã, ressentem-se de formas de pensamento distantes das nossas e muitas vezes não podem ser utilizadas no seu sentido literal, requerendo recurso ao significado simbólico e metafórico. Em todo o caso, não podemos falar de Deus em si, mas sempre e só da acção divina que surge através da criatura e da história. Não podemos, de facto, saber o que é Deus propriamente.

O segundo dado a ter presente é o horizonte evolutivo que, há mais de um século para cá, as ciências da natureza e do homem vêm impondo ao nosso modo de interpretar o mundo, dado já adquirido no âmbito religioso, se bem que as transformações que daí decorrem não sejam ainda palpáveis.

A experiência de Teilhard de Chardin

Para aclarar a mudança que este duplo dado cultural impõe, gostaria ainda de recorrer à experiência de Teilhard de Chardin que, embora não sendo um teólogo, desenvolveu uma acção muito significativa em alguns âmbitos da terminologia teológica. Com efeito, como crente, ele exprimia a sua experiência de fé situado num contexto científico já marcado pela perspectiva evolutiva. Nos seus anos de estudos teológicos (1908-1912), viveu pessoalmente aquilo que definiria como *"Un passage mental du Cosmos à la Cosmogénèse»* [3], ou seja, a passagem da visão de um mundo já feito e acabado, a um universo em estaleiro de obra. E afirmava: *«[l'Évolution] commande maintenant la totalité de notre expérience».* [4]

Teilhard parte da constatação de que a concepção escolástica da acção de Deus no criado *"se heurte à toutes sortes d'invraisemblances historiques et d'anti-pathies intellectuelles.»* [5]

Por esta razão, paralelamente às duas categorias da 'criação a partir do nada' e da 'transformação das coisas por força das suas potencialidades', categorias já utilizadas na escolástica medieval para falar da acção divina, ele introduz aí uma terceira categoria que chama de *'transformação criadora'.* Com esta fórmula, Teilhard traduz a energia divina que, *«se servant d'un crée préexistant, l'agrandit en un être tout nouveau»*[6], tal como quando uma estrutura química adquire a característica dum ser vivo.

A actividade criadora de Deus não deve ser entendida como a acção das criaturas que se exerce na superfície da realidade, mas antes como aquela força contínua que, a partir de dentro, faz com que ela seja e opere. Deus age sempre e só como criador e torna possível o existir e o evoluir do ser criado. *«Il n'y a pas un moment où Dieu crée, et un moment où les causes secondes développent. – Il n'y a jamais qu'une action créatrice… qui soulève continuellement les créatures vers le plus-être, à la faveur de leur activité seconde et de leurs perfectionnements antérieurs. La Création ainsi comprise n'est pas une intrusion périodique de la Cause première : elle est un acte coextensif à toute la durée de l'Univers. Dieu crée depuis l'origine des temps, et vue du dedans, sa création… a la figure d'une Transformation. L'être participé n'est pas posé par blocs qui se différencient ultérieurement grâce à une modification non créatrice : Dieu insuffle continuellement en nous de l'être nouveau.»* [7] Deste modo, Teilhard aplica a ideia, já anotada em teologia, de criação contínua num contexto cultural caracterizado por um horizonte dinâmico e evolutivo. A acção divina, ainda que permanecendo sempre criadora, exprime-se diversamente,

[3] Obras, tomo VII, *L'activation de l'énergie,* p. 261 (Seuil)
[4] Obras, tomo X, *Comment je crois,* p. 286 (Seuil)
[5] Id., ib., p. 30
[6] Id., ib., p. 31
[7] Id., ib., p. 31

segundo o âmbito mais ou menos complexo em que se exerce.

Uma primeira consequência deste modo de entender a acção divina, é que ela não é, em si, minimamente atingível. Concebida como energia fundadora (ainda que o sentido pleno desta fórmula analógica nos escape) e não como acto singular ou pontual, a *acção de Deus* permanece transcendente às capacidades perceptivas do homem. No exame científico dos fenómenos, é necessário investigar sempre e só a obra das criaturas. O cientista pode apenas relevar as dinâmicas internas dos processos naturais, ainda que atingindo o seu início e o seu fim. Por isso Teilhard observa: *«Là où c'est Dieu qui opère, il nous est toujours possible (en restant sur un certain niveau) de n'apercevoir que l'œuvre de la nature. Ainsi donc, tantôt par excès d'extension, tantôt par excès de profondeurs, le point d'application de la Force divine est, par essence, extra-phénoménal. La cause première ne se mêle pas aux effets : elle agit sur les natures individuelles et sur le mouvement d'ensemble. Dieu, à proprement parler, ne fait pas : Il fait se faire les Choses.»* [8]

Uma segunda consequência é a importância que adquire o tempo em ordem às manifestações da acção criadora. Teilhard recorda que a energia divina está sempre em acção e do mesmo modo, mas os efeitos são diversos no tempo. Permanecendo sempre criadora, essa energia tem diferentes possibilidades de se exprimir, segundo o âmbito mais ou menos complexo em que se exerça e, ainda, conforme o tempo decorrido. O factor tempo entra assim como componente essencial das estruturas criadas e torna possível a sua progressiva diversificação. Teilhard exclamava com ênfase: *«Nous sommes en train de découvrir le Temps. Le Temps, depuis toujours, c'est bien clair, l'expérience humaine a eu conscience d'être noyée dans ses nappes immenses. Mais quelle distance entre cette perception première simpliste de la durée, et la compréhension plus profonde vers laquelle l'analyse progressive de l'Univers nous achemine peu à peu !»* [9] Neste sentido, *«désormais, pour nous et nos descendants, les temps et les dimensions psychologiques ont définitivement changé.»* [10]

Portanto, a acção divina não é como a das criaturas que se desenvolve à superfície dos fenómenos e ao longo do eixo do tempo. Se Deus agisse como as criaturas, operaria fracturas, mas como a rede das causalidades nos fenómenos criados permanece intacta, é porque foi constituída pela sua acção. A acção de Deus não é causalidade eficiente ou final, antes oferece a possibilidade ao ser de ser e de se desenvolver; não impõe leis, mas suscita movimentos que se estruturam segundo convergências determinadas e estáveis; não restringe à acção, mas oferece às criaturas várias possibilidades operativas. E onde esta oferta encontra, como no homem, espaços adequados, converte-se em dom de liberdade.

Em conclusão, podemos dizer que a acção divina no tempo conduz à unidade dos muitos fragmentos que explodem quando o nada é impactado pela força criadora. O *acto criativo divino* surge, então, como a lenta e 'penosa' acção, sempre igual e plena em si mesma, mas limitada e diversificada nas suas manifestações temporais, com que a realidade material é conduzida, por etapas sucessivas, a partir dum estado uniforme e disperso, a formas elevadas de vida e de perfeição espiritual, até atingir a sua realização plena, que não nos é dado conhecer senão por antecipações parciais.

No processo evolutivo, não é a acção divina em si a qualificar os saltos qualitativos, mas sim a capacidade de acolhimento por parte das criaturas que, graças à maior complexidade das estruturas que lhes são dadas, têm a faculdade de acolher e exprimir a energia criadora num modo mais rico e profundo.

[8] Id., ib., p. 38

[9] Obras, tomo III, *La vision du passé*, p. 180, (Seuil)

[10] Obras, tomo VII, *L'Activation de l'énergie*, p. 264 (Seuil)

ORANDO com Teilhard de Chardin

Pensamentos escolhidos por Fernande Tardivel
(Teilhard de Chardin, "Hino do Universo", Ed. Notícias,
2ª ed., 1996, tradução de Miguel Serras Pereira)

QUANDO A VOSSA PRESENÇA, SENHOR,

me inundou da sua luz, quis achar n'Ela a Realidade tangível por excelência.

Agora que Vos toco, Consistência suprema, e que me sinto transportado por Vós, dou-me conta de que o fundo secreto dos meus desejos não era enlaçar, mas ser possuído.

Não é como um raio luminoso, nem como uma matéria subtil – é como Fogo que Vos desejo, e que Vos adivinhei, na intuição do primeiro encontro. Não terei repouso, bem o vejo, a não ser que, de Vós, uma influência activa desça sobre mim para me transformar …

Eis o Universo ardente !

Que as profundezas astrais se dilatem, pois, num receptáculo cada vez mais prodigioso de sóis reunidos.

Que as radiações prolonguem, sem fim, num extremo e noutro do espectro, a gama dos cambiantes e da sua penetração.

Que a vida extraia de mais longe ainda a seiva que circula nos seus inumeráveis ramos …

Que a nossas percepção cresça, sem fim, com as potências secretas que dormem – e dos seres infinitamente pequenos que pululam – e com as imensidades que nos escapam porque delas vemos um ponto apenas.

De todas estas descobertas, cada uma das quais o faz mergulhar um pouco mais fundo no Oceano de energia, retira o místico uma alegria sem mescla. E dela continua insaciável. Porque nunca se sentirá dominado o bastante pelas Forças da Terra e dos Ares par ser subjugado por Deus ao sabor dos Seus desejos.

Deus, só Deus, agita com o Seu espírito a massa em fermentação do Universo.

« ***Le Milieu Mystique*** », (Tomo XII, Obras Completas, 13 de Agosto de 1917)

LA PENSÉE de Teilhard

« Dès l'instant où il se découvre atomiquement responsable et solidaire d'une Humanité en laquelle il s'achève personnellement, l'homme ne tient pas seulement un motif et un mobile pour aimer *son prochain*. Devant lui, par surcroît, s'ouvre tout grand un domaine illimité d'opération tangible où *faire passer* ce qu'il sent. Pour détendre, déverser et rajeunir sans cesse la passion qui l'anime, il a *toute la grande bataille de la Terre*. Avoir à lutter, *pouvoir lutter*, par toute sa vie, pour créer ce qu'on aime ! Extraordinaire plénitude où, épurée de la Violence, la Force émerge de la Douceur et de la Bonté, comme leur paroxysme » (VII, 60, 1941)

Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos amigos de Teilhard de Chardin
Divulgue a AAPTCP